

1.Introdução:

“Toda arte é, ao mesmo tempo,
superfície e símbolo.
Os que descem além da superfície,
fazem-no a seu próprio risco.
Os que lêem o símbolo,
fazem-no a seu próprio risco.”
(Oscar Wilde)

Este trabalho tem como objetivo mapear as formas de captura do desejo que transformaram o homem em um sujeito voltado para suas representações simbólicas e para o que sua consciência dita como regra de conduta. Através do tema que é levantado pelo filósofo Nietzsche sobre a memorização, o esquecimento e as formas de criação, pretende-se, com este estudo, apontar caminhos que possibilitem novas formas de pensar e de recriar-se. Desta forma, a proposta deste texto é tentar lançar o pensamento para fora do esquema subjetivo que limita a criatividade do ser humano. Não pretendo assim tentar “fazer Nietzsche falar por ele mesmo”, pois seria ingênuo de minha parte acreditar que se pode ser fidedigno ao autor. Assim como na crítica nietzschiana, na qual a filosofia é apenas uma interpretação de mundo subjetiva daquele que a escreve, creio que os pontos abordados nesta pesquisa foram aqueles que mais afetaram meus sentidos. Acredito, portanto, que a filosofia de cada autor se re-codifica a todo instante, pois existem múltiplas formas de interpretá-lo. O critério de interpretação de cada autor se dá conforme o afeto daquele que o lê. Desta maneira, não pretendo com este trabalho fechar a questão aqui apresentada em uma única possibilidade, pelo contrário, gostaria de dar abertura para novas criações filosóficas. Não proponho assim uma “busca da verdade”, pois, para mim, a filosofia é uma relação de forças que se refere muito mais aos sentidos, aos afetos e às paixões, do que à Metafísica.

Assim como Nietzsche, entendo que não cabe à filosofia a procura pelo conhecimento certo, mas sim a invenção de uma outra maneira de pensar que não esteja vinculada a valores como verdadeiro e falso. Somente a filosofia que leve a

infinitas possibilidades de criação de pensamento tem valor, pois, desta forma, ela afeta e transforma a maneira de representar o mundo que outrora se calcava somente na racionalidade. Transgredindo os valores impostos por uma filosofia moralizante, pode-se trazer à tona o papel crítico do pensamento filosófico que se caracteriza por escapar da lógica tradicional, (que, por sinal, foi inventada pelos próprios filósofos) que produziu, ao longo do tempo, sujeitos moralizados e encastelados pelos (pré) conceitos construídos pela sociedade. Desta forma o enfoque do trabalho é para a possibilidade de uma filosofia voltada para a superfície, para o corpóreo, para a ação, isto é: para a capacidade do sujeito de ultrapassar a fronteira da automatização dos seus atos e pensamentos, que foram estabelecidos por uma lógica moralista que retardou a expansão de novas possibilidades de criação que não partissem do racional. Assim para poder construir novos caminhos será preciso, primeiramente, desconstruir a moral que hoje bloqueia qualquer sujeito no seu ato criativo. O texto se divide em três capítulos que interpretam a crítica nietzschiana sobre a alta estima dada às formas fechadas e pré-concebidas de representar o mundo.

O primeiro capítulo trata da invenção do conhecimento e da crítica à verdade feita pelo filósofo no início de sua carreira. Este capítulo será útil para introduzir o leitor na radicalidade do pensamento de Nietzsche. O texto utilizado foi “Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral” de 1873. Nesta obra o autor já propõe novas possibilidades de pensar o mundo que não se dessem sob a ótica da verdade, mas sim da criação artística.

O segundo capítulo aborda a questão da cultura histórica e seu caráter reprodutivo de ideais que fazem do sujeito um mero repetidor de conhecimento. A obra de análise desta parte é a *Segunda Intempestiva* de 1874, na qual Nietzsche trabalha com o tema da memorização e do esquecimento através da crítica à cultura moderna. A proposta aqui foi, através desta obra, demonstrar a potência criativa que pode haver quando se criam novos modos de se encarar a vida.

O terceiro capítulo fez uma genealogia da consciência com base na Segunda Dissertação de *Genealogia da Moral* de 1887. Assim, esta parte é uma tentativa de transpor as barreiras morais que adoecem e fazem o sujeito perecer. Não tenho como pretensão achar alguma origem verdadeira de como a consciência se constituiu, mas mostrar que assim como a moral é uma forma de encarar o mundo, outras formas também são possíveis e algumas vezes muito

mais produtivas do que esta que passou a constituir uma “verdade absoluta”. Portanto a “história da origem da consciência” aqui contada é apenas mais uma história (assim como aquela contada até hoje e que todos crêem ser a verdadeira!), o que realmente importa neste capítulo é demonstrar que a forma como são valorizadas certas coisas não passa de uma crença em um ideal que, em última instância, está ligado à vontade de viver. Sendo assim o sujeito pode ser reativo ou ativo na sua relação com a vida, isto depende de como cada um encara e lida com as suas mais fortes representações.